

Edição v. 41
número 2 / 2022

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 41 (2)
mai/2022-ago/2022

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

DOSSIÊ

Ciberativismo feminista em combate à violência doméstica durante a pandemia de Covid-19: uma análise do Instagram da Revista AzMina

Feminist ciberativism against domestic violence during the pandemic of Covid-19: an Instagram analyzis of AzMina Magazine

MARINA SOLON

Universidade Federal do Ceará (UFC) – Fortaleza, Ceará, Brasil.
E-mail: solonmarina@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2915-0809>

MÁRCIA VIDAL

Universidade Federal do Ceará (UFC) – Fortaleza, Ceará, Brasil.
E-mail: marciavn@hotmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3318-4937>

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOLON, Marina; VIDAL, Márcia. Ciberativismo feminista em combate à violência doméstica durante a pandemia de Covid-19: uma análise do Instagram da Revista AzMina. Contracampo, Niterói, v. 41, n. 2, p. 01-19, maio/ago. 2022.

Submissão em: 13/01/2022. Revisor A: 10/02/2022; Revisor B: 05/03/2022; Revisor C: 20/02/2022; Revisor D: 08/03/2022. Aceite em: 04/07/2022.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v41i2.52825>

Resumo

Este artigo analisa a atuação do Instituto AzMina, Organização Não Governamental (ONG) feminista que mobiliza pautas dos movimentos feministas nas redes sociais. Nossa análise aborda sete postagens produzidas pela ONG sobre o tema violência doméstica no Instagram durante a pandemia de Covid-19. O conteúdo foi publicado entre de março e junho de 2020. Neste estudo, a atuação do Instituto é avaliada como pauta feminista trabalhada por meio do Ciberativismo (LEMOS, 2003). O artigo analisa se a iniciativa de informar mulheres no combate à violência doméstica constrói um espaço de conscientização dos seguidores no perfil da ONG no Instagram. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa é uma Análise qualitativa (STRAUSS e CORBIN, 2008), fazendo interpretação de imagem, texto e comentários das postagens de forma a identificar o ciberativismo feminista mobilizado pelo Instituto AzMina em torno do tema da violência doméstica.

Palavras-chaves

Ciberativismo; Feminismos; Violência doméstica; Revista AzMina; Análise qualitativa.

Abstract

This article analyzes the work of Instituto AzMina, a feminist Non-Governmental Organization (NGO) that mobilizes feminist agendas on social networks. Our analysis addresses seven posts produced by the NGO on the topic of domestic violence on Instagram during the Covid-19 pandemic. The content was published between March and June 2020. In this study, the Institute's performance is evaluated as a feminist agenda worked through Cyberactivism (LEMOS, 2003). The article analyzes whether the initiative to inform women in the fight against domestic violence builds a space for awareness of followers on the NGO's profile on Instagram. From a methodological point of view, the research is a Qualitative Analysis (STRAUSS and CORBIN, 2008), interpreting the image, text and comments of the posts in order to identify the feminist cyberactivism mobilized by the AzMina Institute around the issue of domestic violence.

Keywords

Cibeartivism; Feminist movements; Domestic violence; AzMina Magazine; Qualitative analysis.

Introdução

A violência doméstica no Brasil é uma questão alarmante. Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020¹ registram que, durante o ano de 2019, a cada dois minutos foi protocolado um boletim de ocorrência denunciando este crime no país. Ainda um total de 263.067 casos de lesão corporal dolosa decorrentes de violência doméstica foram contabilizados pelo levantamento.

Essa questão demanda reparo e a busca por soluções está tanto no sistema jurídico, que criminaliza a violência doméstica como forma de coibir a prática, quanto na atuação da sociedade civil, que organiza movimentações sociais de forma a melhor informar e mobilizar pessoas no combate à infração.

A violência doméstica atinge majoritariamente mulheres² e tem raiz na estruturação social desigual de poder entre homens e mulheres. Isso, porque os processos de socialização dos gêneros são formados com base na dominação e na opressão das mulheres pelos homens. Essa relação de dominação e opressão tem contextos públicos e privados, alguns mais brandos que outros, ainda que todos sejam problemáticos.

Scott explica que os gêneros masculino e feminino são a base onde o poder político foi concebido e legitimado, sendo ele o primeiro campo por meio do qual o poder é articulado. “O conceito de gênero estrutura a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social” (SCOTT, 2019, p. 70).

As relações de dominação das mulheres pelos homens, quando ocorrem no espaço familiar ou estão inseridas em qualquer espécie de convivência marital, podem descambar em episódios de violência, uma vez que a estrutura de poder construída nesse espaço coloca as mulheres em situação de opressão e muitas vezes de silêncio, vergonha e culpa. Welzer-Lang (2001) pontua que a opressão das mulheres pelos homens é fruto de um sistema no qual as desigualdades vividas pelas mulheres são efeitos diretos das vantagens dadas aos homens. Consonante a este pensamento, Saffioti detalha que “o poder é atribuído à categoria social homens” (SAFFIOTI, 2001, p. 116).

Corrêa (1981) diz que às mulheres está resguardado um espaço de constrangimentos dentro das relações familiares, que estão baseadas em submissões e humilhações, além de serem impostos limites e regras ao seu comportamento. Tal contexto, defende a autora, situa que a violência física e a morte não são as únicas, mas as últimas e mais dramáticas formas de violência a que as mulheres estão submetidas na sociedade brasileira.

Scott (2019) explica que a relação desigual entre os gêneros não é construída exclusivamente por meio de parentesco, mas também se manifesta em ligações que envolvem contextos de economia e organização política, operando para além do cenário familiar.

As vulnerabilidades das mulheres brasileiras também estão agravadas por contextos de classe social. Saffioti (2013) detalha que a estrutura de classes é altamente limitadora das potencialidades humanas. “É como se a liberdade formal não se tornasse concreta e palpável em virtude das desvantagens maiores ou menores com que cada um joga no processo de luta pela existência” (SAFFIOTI, 2013, p. 59). Além das questões de gênero e classe, o cenário brasileiro de violência doméstica impõe ainda um olhar às questões de raça. No Brasil, grande parte das mulheres negras vivem o que Carneiro (2011) define como o “matriarcado da miséria”, configuração que caracteriza que as mulheres negras brasileiras são marcadas pela exclusão, discriminação e rejeição social. González (2020), por sua vez, detalha que elas são excluídas da participação no processo de desenvolvimento econômico, estando relegadas à condição

1 Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/02/anuario-2020-final-100221.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2022.

2 Segundo a legislação brasileira, homens, crianças e idosos também podem ser vítimas de violência doméstica. No entanto, dados do Atlas da Violência mostram que a maior parte desse crime atinge as mulheres. Saffioti (2001) defende a ideia de que mesmo que mulheres vitimem homens em casos de violência doméstica elas enquanto categoria social não têm um projeto de dominação e exploração deles, o que difere dos casos em que as mulheres são vítimas dos homens.

de massa marginal crescente, em condições de desemprego, trabalho ocasional, ocupação intermitente e trabalho por temporada, o que implica em baixíssimas condições de vida. Carneiro (2011) constata que mulheres negras brasileiras vivem uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos em todas as camadas de suas vidas, passando também pelo confinamento em situações de escassez econômica, fragilidade emocional e sujeição a situações aberrantes de violência doméstica.

As mulheres negras são, ainda segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020, 66,6% do total de vítimas de feminicídio, que, explica Saffioti (2002), é o fim último da violência doméstica. “Do empurrão e do tapa, aparentemente ‘infrações penais de menor poder ofensivo’, pode-se chegar, ao longo do tempo, ao feminicídio” (SAFFIOTI, 2002, p. 68). Por isso, é importante que mulheres brasileiras sejam sempre analisadas dentro de contextos de gênero, classe social e raça.

Os feminismos brasileiros no combate à violência doméstica

Diversos obstáculos logísticos rotineiramente se interpõem entre as mulheres em situação de violência doméstica e a efetiva aplicação das leis que as amparam. Elas tendem a se calar por temer julgamentos sociais, pela dependência econômica do agressor, por ignorar informações de como obter acesso à justiça ou pela dificuldade de encontrar acolhimento.

Como forma de combater a violência doméstica, os movimentos feministas brasileiros vêm, desde a década de 1960, contestando o modelo social patriarcal que pode até mesmo ser letal para as mulheres. Como forma de impedir essa violência contra as mulheres e punir criminalmente os agressores, foi criada em 2006, com participação dos movimentos feministas³, a Lei nº 11.340/2006, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha.⁴

A Lei estabelece, em seu artigo 1º que “cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher”, com o entendimento de que muitas das relações de violência nascem das convivências íntimas. Apesar da proteção legal estabelecida, as mulheres em situação de violência têm dificuldades de pedir ajuda, isso quando têm acesso a informações sobre os trâmites legais que devem seguir.

A norma representa importante guarida, mas também abre espaço para que se observe as fragilidades na proteção estatal às mulheres no espaço público, uma vez que as taxas nacionais de violência contra as mulheres seguem em crescimento. De acordo com dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020,⁵ houve um aumento de 5,2% nos casos de violência doméstica em relação ao ano anterior.

A atuação dos feminismos por meio de ONGs

São muitas as formas pelas quais os movimentos feministas se organizam no Brasil. Portanto, não é assertivo que todas as manifestações sejam vistas como uma movimentação homogênea, por isso nos referimos a eles no plural, frisando as diferentes manifestações. Uma forma de atuação é a articulação por meio das Organizações Não Governamentais (ONGs). Gohn as define como “instituições que possuem vínculos com a sociedade civil organizada, com movimentos sociais e populares, com as associações de moradores” (GOHN, 2005, p. 106). Ela explica que a atuação por meio de ONGs demarcou um novo campo de atuação da sociedade civil, inserindo cidadãos na vida pública. “As ONGs eram suportes para a ação dos

3 Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/72759/consideracoes-sobre-a-lei-maria-da-penha-e-movimento-feminista-no-enfrentamento-a-violencia-domestica>. Acesso em: 04 jan. 2022.

4 A Lei Maria da Penha pretende prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher no Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/11340.htm. Acesso em: 04 jan. 2022.

5 Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-integrativo.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

movimentos” (GOHN, 2005, p. 89).

As ONGs tornaram-se, então, um dos modos de expressão e organização dos movimentos feministas no Brasil. Pinto (2003) destaca que elas representaram, principalmente a partir dos anos 1960, um braço institucional importante dos feminismos, assinalando que no espaço das ONGs várias profissionais passaram a exercer suas atividades comprometidas com a causas feministas.

Na contemporaneidade, redes sociais se tornaram aliadas tanto das mulheres na busca por informações e acolhimento sobre as violências sofridas quanto pelas ONGs feministas, que se utilizam do espaço para informar e mobilizar aliados. As redes sociais estruturam-se de forma a difundir informações, acolher relatos e promover mobilizações. Recuero et al. (2015) definem que redes sociais são metáforas para a estrutura dos agrupamentos sociais. “Elas são constituídas pelas relações entre os indivíduos e vão servir como estrutura fundamental para a sociedade” (RECUERO et al., 2018, p. 23).

Lemos (2004) explica que tais comportamentos virtuais permitem a existência da Cibercultura e do Ciberativismo, dentro de uma prática de compartilhamento e trabalho colaborativo. “A cibercultura potencializa aquilo que é próprio de toda dinâmica cultural, a saber o compartilhamento, a distribuição, a cooperação, a apropriação dos bens simbólicos” (LEMOS, 2004, p. 11). O autor defende que o espaço virtual promove novas formas de comunicação. Alcântara (2015) detalha que o Ciberativismo é o conjunto de novas práticas e protestos de mobilização que se utilizam das novas tecnologias de informação e comunicação.

A internet () é o foco de irradiação de informação, conhecimento e troca de mensagens entre pessoas ao redor do mundo, abrindo o pólo da emissão. Com a cibercultura, trata-se efetivamente da emergência de uma liberação do pólo da emissão (a emissão no ciberespaço não é controlada centralmente; todos podem emitir), e é essa liberação que, em nossa hipótese, vai marcar a cultura da rede contemporânea em suas mais diversas manifestações (LEMOS, 2004, p. 15).

Carvalho (2020) explica que a participação social não resolve automaticamente todos os problemas. As redes sociais, por sua vez, não conferem caráter imediato na resolução dessas questões. Todavia, a articulação virtual dos movimentos sociais é entendida como um passo em direção à garantia desses direitos. Gohn (2011) defende que os coletivos sociais como as ONGs são vínculos possíveis na luta organizada por mais direitos sociais e civis. “Realizam diagnósticos sobre as realidades sociais e constroem suas propostas, atuam em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão” (GOHN, 2011, p. 336).

A utilização das redes sociais tem sido um dos meios de atuação dos feminismos brasileiros. Bogado (2018) defende que as redes sociais abrem espaço para uma nova linguagem tecnopolítica e novos modelos de atuação. Ela chama a atenção para o caráter autônomo dos participantes, que agora se utilizam das redes sociais de forma direta, sem relação de dependência do sistema político, operando por meio de laços criados que vão das redes sociais até a ocupação coletiva de espaços públicos. A autora narra que em 2015 era possível notar que os feminismos alcançavam patamares inéditos e levavam milhares de manifestantes às ruas das grandes cidades do país a partir de organizações iniciadas nas redes sociais.

Costa (2018), por sua vez, diz que o Ciberativismo feminista nas redes sociais impulsionou um novo momento de ação marcado por novas articulações e que tornou possível o encontro das mulheres.

Ainda que a força das ruas não possa ser atribuída integralmente às redes sociais, a web sem dúvida foi um fator estratégico e central das marchas feministas. Nunca as táticas e a militância das mulheres foram tão potencializadas e produziram reações e alianças na escala que se vê hoje. O fato é que as redes sociais, desde sua popularização na década de 2010, são o mecanismo mais importante de mobilização política. (). As atividades políticas na rede são múltiplas e não necessariamente voltadas apenas para ações diretas. Muitas vezes são pensadas como mecanismo de pressão diante de instituições estabelecidas (COSTA, 2018, p. 43).

Esse encontro de mulheres em redes virtuais nos leva a refletir sobre as possibilidades de articulações políticas e como essas organizações podem favorecer as lutas feministas.

A pandemia da Covid-19, o aumento da violência doméstica e as redes sociais

Se a violência doméstica no Brasil já era problema de grandes proporções, um acontecimento de saúde pública de amplitude mundial colocou a situação em novo contexto. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2),⁶ identificada na China em dezembro de 2019. A medida de alcance global alertava para o momento em que o vírus se espalharia por diversos continentes com transmissão rápida entre as pessoas. No momento da declaração, havia 118 mil casos ao redor do mundo e 4.219 mortes. Diante da inexistência de vacina ou tratamento eficaz conhecido, a OMS recomendou que os governos dos países atingidos,⁷ mantivessem medidas de contenção da circulação do vírus, sendo o isolamento social o pilar das ações de mitigação da doença.

Desta forma, a recomendação para a grande maioria das pessoas, as que não estavam inseridas em atividades que caracterizavam serviços essenciais, foi permanecer em casa evitando contato com outros indivíduos. As rotinas de trabalho foram adaptadas ao modelo de home office, escolas e comércio não essencial foram fechados de forma presencial e o ordenamento familiar foi modificado em um contexto que não apresentava data próxima de encerramento.⁸ Assim, muitas mulheres estiveram confinadas em casa.

O isolamento social acabou por escancarar a violência doméstica quando forçou mulheres em situação de violência a permanecerem sem interrupção de tempo no mesmo ambiente que seus agressores, dificultando contatos com pessoas que pudessem ser rede de apoio. Rapidamente a mídia alardeou o aumento dos casos de mulheres em situação de violência doméstica durante o período de isolamento social.⁹

Nesse contexto, redes sociais foram potencializadas enquanto ferramenta de comunicação utilizada pelas mulheres impossibilitadas de sair de casa para pedir ajuda. Registrou-se que o isolamento social consequente da pandemia levou ao aumento do consumo de redes sociais. Um estudo realizado pela Comscore¹⁰ estima que, no Brasil, os minutos despendidos nestas mídias aumentaram em 19% durante o isolamento, com um crescimento de 26% de consumo nas páginas na primeira semana da pandemia (UCKUS, 2020). Se esses ambientes virtuais já representavam uma amplificação e manutenção de conexões sociais offline (RECUERO, 2009), o isolamento os torna centrais.

Vieira et al. (2020) afirmam que no isolamento social as mulheres passaram a ser ainda mais vigiadas e controladas, e que o uso das redes sociais passa a ser importante ferramenta de apoio e acolhimento de denúncias. “As redes informais e virtuais de suporte social devem ser encorajadas, pois

6 Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,oms-declara-pandemia-de-novo-coronavirus-mais-de-118-mil-casos-foram-registrados,70003228725>. Acesso em: 04 jan. 2022.

7 Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/06/coronavirus-veja-a-cronologia-da-doenca-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 04 jan. 2022.

8 Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/03/19/governo-do-ceara-determina-fechar-estabelecimentos-comerciais-e-interrompe-transporte-intermunicipais.ghtml>. Acesso em: 04 jan. 2022.

9 Violência física e sexual contra mulheres aumenta durante isolamento social provocado pelo coronavírus. Disponível em: [tps://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/19/violencia-fisica-e-sexual-contra-mulheres-aumenta-durante-isolamento-social-provocado-pelo-coronavirus.ghtml](https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/19/violencia-fisica-e-sexual-contra-mulheres-aumenta-durante-isolamento-social-provocado-pelo-coronavirus.ghtml).

10 Disponível em: <https://www.comscore.com/por/Insights/Blog/Consumo-de-midia-durante-a-pandemia-de-coronavirus-no-Brasil>. Acesso em: 04 jan. 2022.

são meios que ajudam as mulheres a se sentirem conectadas e apoiadas e ainda servem como um alerta para os agressores de que as mulheres não estão completamente isoladas” (VIEIRA et al., 2020, p. 4). O que nos leva a refletir, e vamos pormenorizar adiante, precisamente sobre o uso do Instagram como ferramenta de conscientização de mulheres pela ONG feminista AzMina.

O Instagram de AzMina no combate à violência doméstica

O Instituto AzMina é uma ONG autodeclarada feminista que atua majoritariamente em ambiente online desde 2015. A principal plataforma de atuação é uma revista digital de nome Revista AzMina,¹¹ que tem perfil no Facebook,¹² Twitter,¹³ Instagram¹⁴ e YouTube,¹⁵ onde são feitas divulgações de campanhas de conscientização sobre diversas pautas dos feminismos.

A atuação do Instituto AzMina está alinhada a uma comunicação dita alternativa, que, defende Rosas (2014), é capaz de mudar o discurso hegemônico sobre determinado fato. Essa comunicação abre espaço para que as mulheres sejam personagens centrais das informações. Reunir as possibilidades de se informar e de se comunicar constitui o que Haubrich (2017) denomina de cidadania comunicativa, a qual se vincula aos movimentos populares e se alinha às ideias de aprofundamento democrático, emancipação dos sujeitos e intervenção nos rumos da sociedade.

O Instituto AzMina, atento ao aumento dos casos de violência doméstica durante a pandemia de Covid-19, usou as redes sociais como espaço de acolhimento, difusão de informação e formação de consciência cidadã sobre o papel social das mulheres.

Haubrich (2017) observa que não há mudança social sem organização e articulação dos “de baixo”, sem transformar as tecnologias da informação e comunicação em instrumentos de luta para a cidadania. Quando o Instituto atua de forma a construir um espaço online onde há informação e compartilhamento de experiências sobre violência doméstica, está estruturando um Ciberativismo que carrega potencial de construção de um novo panorama.

Uma das redes sociais usadas pelo Instituto é o Instagram, plataforma que tem foco no compartilhamento de imagens e vídeos. Com cerca de 1 bilhão de usuários ativos por mês, esta rede social é a quinta mais popular do mundo.¹⁶ Por dia, mais de 60 milhões de fotos e vídeos são postados.¹⁷ O perfil de AzMina tem 99,4 mil seguidores e 1.688 publicações.¹⁸ Selecionamos este objeto de estudo em virtude de seu destaque no cenário das ONGs feministas brasileiras. AzMina venceu diversos prêmios nacionais e internacionais, inclusive por duas campanhas de conscientização de pautas feministas em redes sociais,¹⁹ e tem notória presença nas redes sociais, com movimentação e engajamento constante.

Antes da pandemia de Covid-19, violência doméstica já era tema recorrente no Instagram da Revista AzMina. O conteúdo é abordado por meio de fotos, vídeos e ilustrações, sempre acompanhado

11 Disponível em: <https://azmina.com.br/>. Acesso em: 04 jan. 2022.

12 Disponível em: <https://www.facebook.com/revistaazmina>. Acesso em: 04 jan. 2022.

13 Disponível em: <https://twitter.com/revistaazmina>. Acesso em: 04 jan. 2022.

14 Disponível em: <https://www.instagram.com/revistaazmina/>. Acesso em: 04 jan. 2022.

15 Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCoyYnOCs_pr0oaXSitYi35g. Acesso em: 04 jan. 2022.

16 Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/10/06/instagram-faz-10-anos-como-uma-das-maiores-redes-sociais-do-mundo-e-de-olho-no-tiktok-para-nao-envelhecer.ghtml>. Acesso em: 4 jan. 2022.

17 Mais informações em: <https://becoming.instafamous.pro/mind-blowing-instagram-stats/>. Acesso em: 4 jan. 2022.

18 Números do dia 10 de janeiro de 2022.

19 Disponível em: <https://azmina.com.br/instituto-azmina/quem-somos/>. Acesso em: 13 mar. 2022.

de texto. Em virtude da limitação de espaço deste trabalho, selecionamos sete postagens que tratam do tema entre março e junho de 2020, de forma a compreender o início do isolamento social até dois meses depois das primeiras flexibilizações da medida.²⁰ As postagens fazem parte de um escopo maior de 27 análises esmiuçadas em nossa dissertação de mestrado.²¹ Elas foram selecionadas seguindo os critérios de abordagem do tema da violência doméstica dentro do espaço temporal do primeiro pico registrado da pandemia de Covid-19. Avaliamos o conteúdo por meio de Análise Qualitativa (STRAUSS e CORBIN, 2008), método que faz possível a identificação de sentimentos e motivações nas manifestações das pessoas. “Ao falar sobre análise qualitativa, referimo-nos ao processo não-matemático de interpretação, feito com o objetivo de descobrir conceitos e relações nos dados brutos e de organizar esses conceitos e relações em um esquema explanatório-teórico”. (STRAUSS e CORBIN, 2008, p. 24). O objetivo é identificar a interação promovida no Instagram de AzMina em torno do tema da violência doméstica.

Captura de tela 1 - Reprodução do Instagram da Revista AzMina



Fonte: Produzida pelas autoras

Publicado no dia 23 de março de 2020, este é o primeiro conteúdo²² veiculado no Instagram de AzMina que aborda a violência doméstica na pandemia de Covid-19. Aqui, um carrossel²³ de imagens gráficas reúne cinco dicas para uma quarentena feminista. A primeira é oferecer condições para que todas as pessoas façam quarentena, ajustando esquemas de prestadores de serviço e, se possível,

20 Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/05/coronavirus-na-construcao-do-mundo-brasil-flexibiliza-quarentena-antes-de-atingir-pico-de-mortes.ghtml>. Acesso em: 4 jan. 2022.

21 Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/63838>. Acesso em: 13 mar. 2022.

22 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-Fjh4Yl7Z9/>. Acesso em: 4 mar. 2021.

23 Trata-se de um recurso do Instagram que permite a inserção de mais de uma foto na mesma postagem. Para visualizar todas basta rolar a tela pela lateral, daí a comparação com um carrossel.

mantendo pagamentos mesmo que o serviço não possa ser executado. A segunda dica é dividir as tarefas domésticas, para que mulheres não sejam sobrecarregadas. A terceira é formar redes de apoio para mães, possibilitando horas de trabalho ou descanso sem a interferência dos filhos. A quarta dica é atentar a sinais de mulheres em situação de violência doméstica e oferecer apoio e ajuda. A última dica sugere que seja fortalecido o trabalho de mulheres durante a pandemia.

A legenda das imagens traz uma citação de um texto da Revista AzMina que fala sobre o aumento das opressões sobre as mulheres em tempos de crise, e finaliza convidando os seguidores a ler o texto na íntegra no site da Revista.

O conteúdo ilustra o que Uckus (2020) mapeou sobre o aumento do consumo dos sites de redes sociais durante a pandemia e que esse uso poderia ser aliado das mulheres em situação de violência agravada pelo isolamento. Há uma abordagem que sugere a solidariedade entre mulheres que podem ser apoio a outras em situação de violência, localizando essas e outras atitudes dentro de um contexto feminista, de fortalecimento das mulheres com objetivos comuns.

O conteúdo gerou 32 comentários, e refletimos que a delicadeza do assunto que envolve a todos gera incertezas e formou um ambiente de debate onde, além da participação cidadã de mulheres interessadas no tema, há também boicote. Identificamos um homem que tenta impor sua perspectiva pessoal às mulheres que trazem seus relatos para os comentários, bem como minimizar as situações sofridas. Ser inserido na categoria social dos agressores provocou nele uma atitude que tenta ridicularizar as mulheres, deixando-as desconfortáveis a compartilhar, um modo de silenciamento. Identificamos, assim, o que defende Spivak (2010), quando diz que só há condições de pessoas em situação de opressão falarem, se há também um contexto para que sejam ouvidas. Quando intimidadas, as mulheres rebatem, mas tendem a encerrar o assunto que gostariam de estar ali debatendo de forma a conseguir apoio.

Nessa postagem, nove comentários são de seguidoras marcando outros perfis para que tenham acesso ao conteúdo. A seguidora @tamarakovacs denuncia que está sendo ameaçada por uma pessoa e que quando foi à delegacia informaram que estava tudo fechado por conta da pandemia e só estavam sendo atendidos os flagrantes. “Justo agora que as pessoas serão confinadas com seus abusadores”, ela diz. A manifestação dela gerou o comentário de @aleixorobson, um homem nada empático com a situação relatada que diz que também está confinado com a esposa e não abusa dela. A seguidora @tamarakovacs pergunta o que o casamento dele tem a ver com ela ter recebido ameaças de morte, no que @aleixorobson responde que ela disse que as esposas estão presas com seus abusadores, no plural. Ela rebate dizendo que, naquele momento, as esposas que são abusadas pelos maridos estão trancadas com eles. No que @aleixorobson diz que se é abusada pelo marido, ela devia se separar. Ele diz que ser abusada é mais difícil que se separar, e completa afirmando que “vocês”, possivelmente se referindo a mulheres que se aliam aos feminismos, “são mestres em falar sobre ser uma mulher empoderada (termo sem nexos nenhum), mas permitem ser abusadas, isso não tem lógica”. Ela responde que não é o marido que a ameaça e explica que não é casada. Ele rebate o comentário dizendo que quem quer que a ameace ela deve bater com um pau na cabeça do agressor até parar de respirar e que ninguém vai acusá-la de homicídio, porque é legítima defesa. Em outro comentário, completa dizendo que “abusador bom é abusador morto a paulada”, no que não recebe resposta por parte de @tamarakovacs.

O comentário seguinte é feito por @amiradantas, que relata estar confinada com um abusador narcisista e, por conta disso, está morrendo todos os dias um pouco. @aleixorobson, o mesmo que respondeu ao comentário de @tamarakovacs, responde, mais uma vez sem empatia, dizendo que @amiradantas é a única que pode resolver o problema pelo qual está passando. Ela reage marcando o perfil da @revistaazmina, relatando que há um homem a importunando e questionando se ele sabe o que é um relacionamento abusivo, se sabe das condições financeiras, emocionais e familiares dela. Em outro comentário ela diz que ele está em uma página feminista “só pra causar”. Ele rebate dizendo que se ela está num relacionamento abusivo cabe a ela resolver e ironiza a linguagem feminista usada por @

amiradantas, além de provocá-la, perguntando se ela tem treze anos de idade por ter marcado o perfil da @revistaazmina numa forma de denunciar o comportamento dele. Ela responde dizendo que vai bloqueá-lo. A Revista AzMina não tece comentários sobre o embate dos dois.

Em outro comentário, @madaccolho questiona onde estão as dicas para cuidar dos idosos, o que naturalmente foge ao escopo de um perfil feminista. O perfil @_feminismoe elogia a postagem, e o perfil @prevencaoviencia sobral marca @cumadi_is, sugerindo que a postagem seja repostada. Mais uma vez, @aleixorobson comenta dizendo que a postagem não é uma agenda feminista, mas comunitária. Diz que o feminismo não tem a ver com ações comunitárias, tampouco de ajuda ao próximo. O comentário não recebe respostas.

Nesta postagem, identificamos que o público de AzMina não é formado apenas por mulheres. E que nem todos os homens que acessam o conteúdo o fazem por concordar com as publicações. No caso relatado aqui, mais do que discordância por parte do homem há um escárnio da situação.

Captura de tela 2 - Reprodução do Instagram da Revista AzMina



Fonte: Produzida pelas autoras

A postagem do dia 27 de março de 2020²⁴ apresenta Maia, uma assistente virtual criada para facilitar o reconhecimento dos primeiros indícios de um relacionamento abusivo, evitando assim que esses casos cheguem ao nível de violência física. O texto ainda informa que em razão do isolamento social há um cenário que propicia mais situações de violência contra as mulheres e que nos primeiros dias de isolamento o Plantão Judiciário do Rio de Janeiro registrou um aumento de 50% dos casos.

24 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-PpVihliu3/>. Acesso em: 4 jan. 2022.

Aqui vemos o que Carvalho (2020) aponta como o uso das redes pelos movimentos sociais como um trajeto pela garantia de direitos. Embora não haja uma resolução imediata por essa via, é importante identificar que por meio dela problemáticas são debatidas, há um alcance de mais pessoas em torno do tema e um engajamento dos que já se identificam com ele. É um contexto que se propõe informativo e organizativo.

A postagem gerou nove comentários, e identificamos que há uma receptividade 100% positiva do uso das ferramentas de redes sociais para tratar esse tema. Os comentários são todos de seguidoras mulheres, o que também aponta para o fato de que elas fazem uso dessas tecnologias e que desejam se chegar cada vez mais. Quatro comentários são de seguidores marcando outros perfis interessados no tema. A seguidora @gizellefreitaspsol elogia a criação da assistente virtual. As seguidoras @instadanat e @politicaparamulheres consideram a iniciativa excelente. A seguidora @marias_do_amor diz ter amado a ideia e pergunta se pode compartilhar a postagem, no que é respondida pela @revistaazmina positivamente.

Captura de tela 3 - Reprodução do Instagram da Revista AzMina



Fonte: Elaborada pelas autoras

Publicada em 31 de março de 2020, esta postagem²⁵ traz uma arte gráfica com a chamada “Violência contra a mulher: mais uma epidemia que Bolsonaro minimiza”, um texto da jornalista Marília Taufic, que foi veiculado como editorial da Revista AzMina.

25 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-Zxm9OFzG6/>. Acesso em: 04 jan. 2022.

O texto da postagem traz a fala²⁶ do presidente Jair Bolsonaro (sem partido), que justifica o aumento da violência doméstica porque falta pão em casa, já que boa parte dos homens não podem trabalhar em virtude do isolamento social. A autora critica o posicionamento de Bolsonaro, argumentando que não é falta de pão, de renda ou de trabalho que ocasiona a violência, mas o machismo. O texto traz ainda a informação de que o Brasil é o quinto país que mais mata mulheres vítimas de violência doméstica. E finaliza dizendo que a melhor forma de combater o machismo e as violências geradas por ele é promovendo uma educação pela igualdade.

Aqui analisamos um conteúdo que perpassa tanto as questões sobre as desigualdades de gênero, que oprimem as mulheres, quanto um cenário em que há opressões bem peculiares sofridas por elas. Vieira et al. (2020) defendem que o isolamento social favoreceu o controle das mulheres pelos homens, e que redes virtuais de suporte social entre essas mulheres devem ser encorajadas nesse momento.

O conteúdo gerou 16 comentários e, mais uma vez, identificamos além de uma participação cidadã das mulheres, demonstrando apoio e trazendo novas informações, um boicote feito por homens. Podemos notar que a situação do isolamento social promove um desgaste emocional que fragiliza ainda mais as mulheres, sejam elas vítimas, sejam elas rede de apoio, e gera comportamentos de ataque de alguns homens, que, por não quererem estar vinculados aos agressores, acabam por também intimidar e até ridicularizar as mulheres que se envolvem na causa da violência doméstica.

Dois comentários são de seguidores que reagiram com emojis. O primeiro, de @ritabengua, traz palmas e corações. O segundo, de @clarodias, demonstra espanto com as informações veiculadas na postagem. A seguidora @tay.esm comenta que antes do presidente emitir essa opinião ele havia cortado verbas da secretaria da mulher que seriam destinadas ao combate à violência doméstica. O seguidor @carlosmaipsicologo diz que esse mesmo tema será tema de uma live²⁷ no perfil dele naquela data. A seguidora @synthyamaia diz que, com ou sem coronavírus, o lar é o local mais perigoso para uma mulher estar.

Mais uma vez, o perfil @aleixorobson, o mesmo homem que gerou um embate na postagem anterior, comenta. Diz que Bolsonaro fala coisas “mega importantes” e que “esse Instagram estúpido”, se referindo ao perfil da Revista AzMina, “se apegando a um ditado popular que ele usou apenas para explicar a tragédia pela qual passamos”. Ainda diz que “vocês são ineficientes. É por isso que são tão pequenas e incapazes de ajudar qualquer mulher. Vocês só atrapalham, parecem meninas de dez anos de idade”. O comentário gerou nove respostas. Duas mulheres, @tay.esm e @enilarebrota contra-argumentaram com @aleixorobson. A seguidora @tay.esm diz que verbas de combate à violência doméstica foram cortadas. Questionou onde havia algo importante dito pelo presidente em anos de atuação política e opinou que o mais relevante que ele fez foi ficar calado. Disse que tudo o que Bolsonaro fala é “desrespeitoso, estúpido, criminoso, equivocado, sem embasamento técnico ou científico”. A seguidora @enilarebrota disse que não valia a pena discutir com @aleixorobson porque, se ele defende Bolsonaro, é sinal de que lhe faltam escrúpulos, no que @tay.esm concordou. Já @aleixorobson acusou as duas de conversarem com ódio, disse que não tinham argumentos e só lhes restavam o ódio. Completou dizendo a @tay.esm que “Quando eu precisar de uma barraqueira profissional entro em contato contigo”. No que ela reage com ironia, dizendo que se ele se sentiu agredido que vá para uma emergência. Depois completa dizendo que ele desdenha de fatos, dados e altos índices de violência. Ele diz que só vai chamar por ela “quando estiver precisando da barraqueira”. Ela conclui o embate dizendo que não chame porque ela não está disposta a resolver nenhum problema dele, e que “a barraqueira aqui dispensa você”. Não houve resposta a esse comentário.

26 Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/03/30/por-que-bolsonaro-erra-ao-usar-violencia-domestica-para-criticar-isolamento.htm>. Acesso em: 04 jan. 2022.

27 Em tradução livre, “live” significa “ao vivo”, e nesse caso faz alusão a uma ferramenta do Instagram que permite que os usuários da rede social façam transmissões ao vivo usando a plataforma.

Notamos que há uma concordância entre as mulheres nos temas veiculados por AzMina. Quando há embates, são iniciados e sustentados por um homem. Notamos que é comum que mulheres se unam para rebater as posições dele. No entanto, não mapeamos intervenção da Revista AzMina, ainda que solicitado pelas mulheres, no sentido de proibir esse tipo de conduta masculina ou ainda de censurar os comportamentos.

Captura de tela 4 - Reprodução do Instagram da Revista AzMina



Fonte: Elaborada pelas autoras

Esta postagem foi publicada em 3 de abril de 2020,²⁸ e traz duas imagens. Na primeira delas há uma foto de uma mulher dentro de uma casa, olhando a paisagem externa pela janela, e uma legenda que informa que o atendimento à violência doméstica mudou em meio à pandemia de Covid-19. Na segunda há um gráfico que informa que a maior parte da violência contra a mulher ocorre em casa, na convivência familiar. Traz ainda dados do Dossiê Mulher Rio de Janeiro 2019, documento veiculado pelo Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro que mapeia a violência contra a mulher naquele estado. Segundo o levantamento, 59,4% das mulheres cariocas sofreram violência doméstica dentro de suas residências, sendo 33% das agressões cometidas no período noturno (18h às 23h59) e 33% das violências ocorreram aos finais de semana.

O texto da postagem expande essas informações e diz que a pandemia tem tornado ainda mais complexa a questão da violência doméstica. Tanto o atendimento às mulheres vítimas quanto a notificação de medidas protetivas aos agressores mudaram devido às determinações de isolamento social. Agora esses trâmites têm sido feitos via e-mail, telefone e por meio do aplicativo WhatsApp. O texto ainda destrincha informações sobre atendimento às mulheres em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul e se encerra sugerindo que a reportagem seja lida na íntegra no site da Revista AzMina.

Atento ao aumento no número de casos de violência doméstica durante a pandemia, este

28 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-hnPEEF6bc/>. Acesso em: 04 jan. 2022.

conteúdo se coloca como ponte entre as mulheres e as informações sobre como recorrer à Justiça nesse momento. Em um contexto em que o fluxo de informações é muito grande, notamos que o perfil de AzMina faz uma espécie de filtro dos tópicos veiculados que podem ajudar as mulheres, fazendo uma cobertura da pandemia com foco nelas.

A publicação gerou dois comentários, de duas mulheres, @carlalink e @angelica_fortes, marcando outros perfis que possam ter interesse. Notamos que há uma recorrência nesse tipo de comentário, o que indica que há um acesso ao conteúdo de AzMina que vai além dos seguidores do perfil.

Captura de tela 5 □ Reprodução do Instagram da Revista AzMina



Fonte: Elaborada pelas autoras

Nesta postagem, veiculada no dia 6 de abril de 2020,²⁹ o tema da violência doméstica na pandemia de Covid-19 é abordado a partir da perspectiva das mulheres que se sentem em risco. Até aqui, as postagens eram direcionadas de forma que mulheres fora da situação de violência auxiliassem as que estavam inseridas nesse contexto. Nesta postagem, o tom muda. Aqui, AzMina fala diretamente com mulheres em risco. A imagem traz um carrossel de seis artes gráficas com cinco direcionamentos: “tenha um plano de emergência pronto, deixe uma chave reserva da casa acessível e esconda em um lugar fácil de pegar em caso de urgência, deixe seus documentos e dos filhos em local de fácil acesso para fugir, avise os vizinhos da situação de violência sofrida e combine uma palavra de emergência com pessoas de confiança para ligar ou mandar mensagens nas horas de necessidade”.

O texto da postagem alerta que as medidas de isolamento social tendem a aumentar os casos de violência doméstica e informa que somente na primeira semana de distanciamento social o Ligue 180, Central de Atendimento do Governo Federal que atende esses casos, registrou um aumento de 18% nas denúncias. AzMina ainda informa que está fazendo um conteúdo especial sobre a pandemia de Covid-19 no site da Revista em parceria com outros veículos de informação e convida os seguidores a acessar os

29 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-pMAEBFmMH/>. Acesso em: 13 mar. 2021.

conteúdos no site.

Mais uma vez, o Instagram de AzMina é uma espécie de manual informativo para mulheres. A postagem rendeu seis comentários. Três deles são de perfis marcando outros possíveis interessados, o que denota uma rede de pessoas que têm se empenhado em divulgar o conteúdo. A seguidora @_lara_1959 diz que é muito injusto que tantas mulheres precisem lançar mão dos conselhos do post para estarem minimamente protegidas em suas próprias casas. No mesmo tom, a seguidora @daniellesouzaba diz que é triste ler essa cartilha porque mostra a realidade que as mulheres vivem e ninguém quer ver. A seguidora @nventurinis diz que a situação é triste demais. Nota-se que há um atravessamento de dor envolvendo o tema, por mais que as mulheres que comentaram não se coloquem exatamente como vítimas da situação, denotando que, para além do contexto individual de cada vítima, há também um sentimento coletivo de solidariedade.

Captura de tela 6 - Reprodução do Instagram da Revista AzMina



Fonte: Elaborada pelas autoras

Nesta postagem, do dia 7 de abril de 2020,³⁰ AzMina volta a falar com mulheres capazes de ajudar outras em situação de violência doméstica, de forma a criar uma rede de apoio. Na imagem, composta também por um carrossel, há oito imagens gráficas com os seguintes direcionamentos: “fique próxima e faça contato frequente, não julgue a situação e se mostre disponível a ajudar, não divulgue onde ela está caso acolha uma mulher em risco de forma a evitar que o agressor saiba, ofereça abrigo se puder e se certifique de que é seguro para as duas, oriente sobre serviços judiciais disponíveis, descubra se há na cidade uma casa de abrigo ou passagem e chame a polícia se ouvir ou vir algo acontecendo”.

O texto explica que as informações e orientação se destinam a quem quer ajudar mulheres em situação de violência, e informa que em São Paulo e no Rio Grande do Sul os serviços de acolhimento às mulheres estão operando de forma *online* durante a pandemia.

30 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-rtGGuFT9D/>. Acesso em: 13 mar. 2021.

Mais uma vez identificamos o Instagram como ferramenta de auxílio, principalmente buscando formar consciência sobre a necessidade de apoiar umas às outras. Gohn (2014) faz referência a este pensamento quando diz que o espaço virtual é também um espaço de familiarização com um determinado tema debatido pelos movimentos sociais. Após a familiarização é que se torna possível a articulação. O conteúdo gerou um comentário, do perfil @vozfeminismo, que classificou o post como ótimo e ressaltou a importância de promover redução de danos, apontando para o fato de que o conteúdo vinculado por AzMina faz parte de um entendimento maior e mais abrangente sobre o assunto.

Captura de tela 7 - Reprodução do Instagram da Revista AzMina



Fonte: Elaborada pelas autoras

A postagem do dia 19 de junho de 2020³¹ traz a chamada: [Mulheres enfrentam em casa a violência doméstica e a pandemia da Covid-19](#), e apresenta a série de reportagens [Um vírus e duas guerras](#), que analisou vinte estados brasileiros e captou a média de 0,21 feminicídios a cada 100 mil mulheres. O texto ainda alerta para as subnotificações nesse período de pandemia, quando há dificuldades para se comunicar.

Tratar o tema do aumento da violência doméstica em razão da pandemia por meio das redes sociais é materializar esse espaço como meio informativo e de apoio às mulheres vulneráveis nesse contexto. É o que Vieira et al. (2020) dizem sobre usar as redes sociais como suporte social às vítimas e ainda como alerta aos agressores de que, apesar dos limites físicos que a pandemia impõe, as mulheres não estão completamente isoladas.

O conteúdo gerou quatro comentários que denotam apoio ao conteúdo e manifestam a tristeza coletiva que o envolve. O primeiro é de @lessasilvana, que reagiu com *emojis* que simbolizam choro, no que foi respondido pela @revistaazmina também com o mesmo tipo de *emojis*. O @portalcatarinas, um dos envolvidos na apuração da reportagem, comenta agradecendo AzMina pelo apoio na divulgação. A seguidora @rabelocristina14 também comenta com um *emoji* triste.

31 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBoK-DgFmKI/>. Acesso em: 4 jan. 2022.

Considerações finais

A violência doméstica é uma questão pungente no cenário brasileiro. Agravada com a chegada da pandemia de Covid-19, a problemática motivou o Instituto AzMina, uma ONG feminista, a abordar o tema no Instagram informando sobre a gravidade da situação, instruindo mulheres em situação de violência a tomar providências, bem como estimulando que outras pessoas formem rede de apoio às mulheres vulneráveis. Essa movimentação ocorre por meio do Ciberativismo feminista.

Analisamos que o tema da violência doméstica foi tratado nas postagens de forma a atrair a atenção dos seguidores. Recursos tais como imagens com frases de impacto foram utilizados de forma a conseguir atenção das pessoas em uma rede social que prioriza a atenção visual dos usuários. Os textos, por sua vez, foram construídos de forma a aproximar a temática da vida cotidiana das pessoas. Outra característica é a objetividade das informações, que transmite as mensagens com a celeridade usual dentro da lógica da rapidez de consumo de conteúdo das redes sociais.

Analisar de forma qualitativa os comentários nos permitiu identificar que grande parte do engajamento do conteúdo é positiva, mobiliza reflexões e se torna um lugar acolhedor, para que os seguidores compartilhem relatos pessoais em casos de violência doméstica. No entanto, o conteúdo desperta também insatisfações, e por duas vezes gerou boicote, nesses casos sempre por parte de homens e nunca de mulheres. Ao contrário, nesses casos elas apoiaram umas às outras. Notamos que os comentários reafirmam convicções sobre o tema e despertam solidariedade entre as mulheres. Não há, no entanto, substância na análise que nos permita mensurar se houve conscientização efetiva dos seguidores a partir do conteúdo. O que ele nos indica é que o tema da violência doméstica promove engajamento, desperta afetos e forma uma rede de comentários de apoio por parte das mulheres de forma unânime, enquanto entre os homens ora gera apoio, ora boicote.

Costa (2018) defende que as redes sociais são o mecanismo mais importante de mobilização política da atualidade. Este trabalho reforça a importância delas, que se mostram capazes de estabelecer uma comunicação efetiva em torno de uma causa comum. Notamos, no entanto, que um dos limites de atuação das redes sociais dentro de uma Análise Qualitativa é não conseguir mensurar se houve conscientização efetiva dos seguidores no tema a partir do conteúdo das postagens. Entretanto, avaliamos que o engajamento existente em torno do tema é importante, sobretudo em momentos agudos como o da pandemia de Covid-19, que trouxe, inclusive, um maior uso das redes.

Não há como prever o futuro, mas é certo que o presente tem deixado acesas algumas chamas de esperança no porvir. Os feminismos se provam capazes de se valer do potencial das redes sociais e têm conseguido reunir uma parcela de cidadãos em torno de uma causa comum. Essa organização preenche lacunas, mobiliza pensamentos e se pretende capaz de edificar uma nova realidade possível.

Referências

ALCÂNTARA, Livia. Ciberativismo e Movimentos Sociais: Mapeando Discussões. **Aurora**, v. 8, n. 23, p. 73-97, jun./set. 2015.

BOGADO, Maria. Rua. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Explosão Feminista**: Arte, Cultura, Política e Universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p 23-42.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: O Longo Caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COSTA, Cristiane. Rede. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Explosão Feminista**: Arte, Cultura, Política e Universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 43-60. XX-YY.

- CORRÊA, Mariza. **Os Crimes da Paixão**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- GOHN, Maria da Glória. **O Protagonismo da Sociedade Civil: Movimentos Sociais, ONGs e Redes Solidárias**. São Paulo: Cortez, 2005.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333-361, maio/ago. 2011.
- GONZÁLEZ, Lélia. **Por um Feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HAUBRICH, Alexandre. **Mídias Alternativas: A Palavra da Rebelião**. Florianópolis: Insular, 2017.
- LEMOS, André. Cibercultura: Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André, CUNHA, Paulo (Orgs.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. XX-YY.
- LEMOS, André. Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma cultura copyleft?. **contemporanea | comunicação e cultura**, v. 2, n. 2, p 9-22, dez. 2004.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela (Orgs.). **Análise de Redes Para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- ROSAS, Juliana. Mídia Ninja, Mídia Tradicional e Accountability. **Extraprensa**, v. 7, n. 2, p. 121-131, 2014.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Cadernos Pagu**, Dossiê: Feminismo em questão, Questões do feminismo, s.v., n. 16, p. 115-136, 2001.
- SAFFIOTI, Heleieth. Violência Doméstica: Questão de Polícia e da Sociedade. In: CORRÊA, Mariza (Org.) **Gênero & Cidadania**. Campinas-SP: Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero -Unicamp, 2002. 59-70. (Coleção Encontros)
- SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- SCOTT, Joan. **Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica**. In: Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2019.
- STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet (Orgs.). **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- VIEIRA, Pâmela; ROCHA, Leila; MACIEL, Ethel. Isolamento social e violência doméstica: o que isso nos revela? **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, n.23, p. 1-5, 2020.
- UCKUS, Fabiana. Consumo de mídia durante a pandemia de coronavírus no Brasil. **Comscore**, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://www.comscore.com/por/Insights/Blog/Consumo-de-midia-durante-a-pandemia-de-coronavirus-no-Brasil>. Acesso em: 4 mar. 2021.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

da Universidade Federal do Ceará (UFC). Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira.

Márcia Vidal é doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica.